

# **Cruzamento Vocabular no Português Brasileiro: Aspectos Morfo-Fonológicos e Semântico-Cognitivos**

CARLOS ALEXANDRE GONÇALVES

MARIA LÚCIA LEITÃO DE ALMEIDA

(UFRJ/CNPQ)

## **1. Palavras iniciais**

Nos últimos anos, o cruzamento vocabular – processo de formação de palavras que consiste na fusão de duas bases, como em ‘sacolé’ (‘picolé em saco’) e ‘forrogode’ (‘ritmo musical resultante da combinação de pagode com forró’) – vem perdendo o enfoque marginal e constituindo objeto de investigação de lingüistas brasileiros (Basílio, 2003; Gonçalves, 2003) e norte-americanos (Fauconnier & Turner, 2002; Kemmer, 1994). Contra toda uma literatura, tais autores defendem que o fenômeno não é idiossincrático, sendo considerado regular tanto fonológica quanto semanticamente.

Há, nesse fenômeno, desafios analíticos de natureza variada:

(a) do ponto-de-vista fonológico, há de se verificar o tipo de informação prosódica das porções segmentais utilizadas;

(b) morfológicamente, é necessário demarcar fronteiras entre o cruzamento vocabular e outros processos de formação que se utilizam de duas bases;

(c) do ponto-de-vista semântico e pragmático, põem-se em discussão preceitos bem estabelecidos, como (i) a questão da composicionalidade do significado, (ii) a independência do signo lingüístico em relação ao contexto e (iii) o postulado de sua arbitrariedade.

No presente artigo, analisamos o cruzamento vocabular no português brasileiro, procurando diferenciá-lo de outros processos morfológicos que igualmente se servem de duas bases para formar palavra nova na língua, como (a) as criações analógicas e (b) a composição. Além disso, procuramos discutir a questão da composicionalidade do significado, utilizando-nos, para tanto, de postulados teóricos da lingüística sócio-cognitiva, sobretudo dos trabalhos de Lakoff & Johnson (1999) e Fauconnier (2001). Para tanto, o texto se estrutura da seguinte maneira: na seção 2, buscamos uma definição abrangente para o fenômeno, discutindo, logo após, na seção 3, sua possível estruturação interna. Na seção 4, analisamos o cruzamento vocabular a partir de três hipóteses fundamentais da lingüística sócio-cognitiva: (a) a escassez do significante; (b) o papel do contexto como protetor da ilimitação da semiose; e (c) o fato de grande parte de o processamento lingüístico ser inconsciente, regido por princípios gerais da cognição humana. Por fim, apresentamos as principais conclusões do estudo.

## 2. A estrutura interna de cruzamentos vocabulares

Também chamado de palavra-valise (Alves, 1990), mesclagem lexical (Silveira, 2002) e mistura (Sândalo, 2001), o cruzamento vocabular (doravante CV) consiste na *junção de dois vocábulos, sendo que o segundo é utilizado para completar parte do primeiro* (Laubstein, 1999: 01), a exemplo do que ocorre com 'portunhol', em que a sílaba tônica de 'espanhol' se alinha à direita das duas átonas de 'português' para finalizar a construção cruzada.

Utilizando os dados de Silveira (2002) e Álvaro (2003), procuramos refutar a análise de Sandmann (1990, p. 76), para quem o CV é *um tipo de composição em português*. Ao descrever o fenômeno com base na morfologia prosódica (McCarthy & Prince, 1995), demonstramos que ele se diferencia da composição por constituir caso claro de morfologia não-concatenativa em português, como propõe Gonçalves (2003), uma vez que a sucessão linear estrita é muitas vezes rompida por sobreposições. Em função disso, há correspondência de muitos-para-um entre os segmentos das formas de base e os segmentos do vocábulo cruzado.

Apesar de duas palavras servirem de *input* à formação de uma terceira, como na composição, cruzamentos diferem de compostos por serem caracterizados pela interseção de bases (e não pelo encadeamento). A composição preserva a ordem linear dos elementos formadores, de modo que a segunda palavra se inicia exatamente no ponto em que a primeira termina ('baba-

-ovo', "bajulador"), mesmo quando um segmento é apagado por crase ('aguardente'), elisão ('planalto') ou haplologia ('dedurar'), como acontece nos compostos aglutinados. Essa sucessão linear estrita nunca é preservada no CV, uma vez que as bases são literalmente fundidas, havendo, em decorrência, perda de massa fônica não justificável por processos fonológicos segmentais. Vejam-se os dados:

(01) matel (mato + motel) – “motel ao ar livre”

apertamento (apartamento + aperto) – “apartamento muito pequeno, apertado”

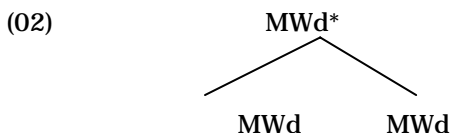
cansástico (cansativo + Fantástico) – “Programa de TV considerado cansativo”

gayroto (gay + garoto) – “criança do sexo masculino efeminada”

chafé (chá + café) – “café muito fraco, que se parece com chá”

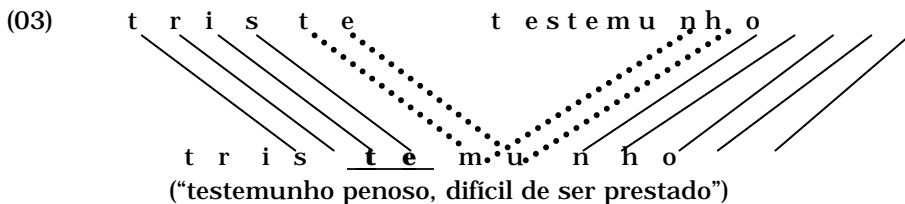
crilouro (crioulo + louro) – “negro que tingi os cabelos de louro”

Com o objetivo de descrever a manifestação formal do CV, vamos nos concentrar, por ora, nos aspectos estruturais que fazem desse fenômeno um processo não-concatenativo. Uma vez que as bases que participam da formação de cruzamentos são livres ou potencialmente livres, é possível dizer que elas equivalem a palavras morfológicas (MWds). CVs combinam MWds para gerar um novo lexema, pois o significado global da construção nem sempre corresponde à soma do significado das partes componentes (Laubstein, 1999; Sandmann, 1990), como será discutido na seção 4. Dessa maneira, o novo lexema constitui MWd complexa, representada por MWd\*, como em (02) a seguir:



No CV, a combinação de palavras provoca ruptura na ordem linear estrita por meio de um *ovelapping*, que leva a uma correspondência de muitos-para-um entre formas de base e forma cruzada. Como resultado, uma das bases é realizada simultaneamente com uma parte da outra, como

se vê em (03), a seguir, formalização na qual linhas sólidas representam correspondência única e linhas pontilhadas, correspondências múltiplas.



Vistos dessa forma, cruzamentos distinguem-se de criações analógicas, como as exemplificadas em (04). Formações analógicas são aqui interpretadas como substituições sublexicais, uma vez que envolvem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo” (Bat-El, 1996). A palavra-alvo apresenta porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso na língua e é a partir dessa identidade formal que se dá a incorporação.

- (04) mãedrastra (“madrasta tão boa como uma mãe”)  
 bebemorar (“comemorar com ingestão de bebidas alcoólicas”)  
 tricha (“homossexual afeminado em demasia; três vezes bicha”)  
 halterocopismo (“levantamento de “copos” com bebida alcoólica”)  
 trêbado (“bêbado demais; três vezes bêbado”)

Em ‘macumba’, por exemplo, a seqüência ‘má’ – que não apresenta qualquer *status* morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa seqüência, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove o constituinte ‘ma’ à condição de radical, substituindo sublexicalmente essa seqüência. Cruzamentos não podem ser analisados como substituições sublexicais porque duas palavras constituem *input* à formação de uma terceira. No caso de ‘bebemorar’, uma criação analógica, o *input* é a forma verbal ‘comemorar’, que, reanalisada, leva à inclusão da seqüência ‘bebe’, de ‘beber’, como se vê em (05). É no nível do *output* que se detecta a presença das duas bases. Ao contrário das formações analógicas, cujas bases operam em “planos competitivos”, o CV é produto da junção de dois vocábulos em “planos alternativos” (Dobrovolsky, 2001). No primeiro fenômeno, o alvo é apenas uma das palavras e a interseção das bases é ocasionada pela reanálise intencional da forma-*input*. Veja-

-se (05), a seguir, que formaliza o processo de substituição sublexical para a forma ‘bebemorar’:

(05) ( co . me . mo . rar )MWd  
 ( )MWd )MWd  
 |  
 (be . be)MWd )MWd\*

Cruzamentos são fusões de duas palavras-matrizes: palavra 1 (P1) e palavra 2 (P2). O ponto de quebra (local em que essa junção ocorre) permite levantar algumas generalizações interessantes sobre a estrutura lexical de cruzamentos. Em linhas gerais, há dois padrões para o CV no português do Brasil, de acordo com Gonçalves (2003): (a) um para os casos em que P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica e (b) outro para aqueles em que P1 e P2 são totalmente diferentes do ponto-de-vista segmental. Essa (des)semelhança fônica determinará o ponto de quebra<sup>1</sup>.

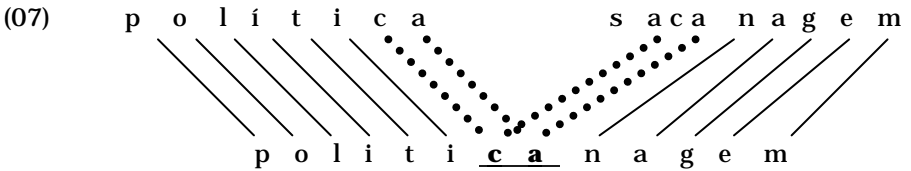
Se as duas palavras envolvidas são monossilábicas, a unidade após a quebra pode ser identificada como rima, como se observa em (06). O cruzamento de ‘pai’ com ‘mãe’, originando ‘pãe’ (“pai zeloso como mãe” ou “pai que cuida do(s) filho(s) sem a presença da mãe”), separa o *onset* da rima, aproveitando o ataque de P1 e a rima de P2, como se vê na representação a seguir.

(06)

p	( a	i	m)	ã	e
		/ \			/ \
	O	R	O	R	
	└──────────────────┘				
p					ã e

<sup>1</sup> A semelhança fônica deve ser interpretada não como mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba. Assim, embora ‘show’ e ‘comício’ apresentem uma vogal média posterior em comum (/o/), essa identidade não é estrutural, uma vez que as rimas são diferentes: na primeira palavra, a rima é ramificada (cf. /ow/), enquanto na segunda a rima é constituída unicamente da vogal média (cf. /o/). Dessa forma, ‘show’ e ‘comício’ são interpretadas como dessemelhantes, sendo o *blend* formado a partir do padrão 2 (cf. ‘showmício’).

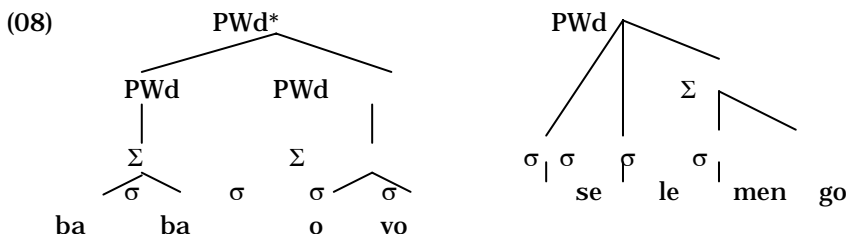
Dados como (06) nos levam a identificar a rima como unidade de produção no CV. Contudo, existe o problema de detectar qual é a porção das bases que vêm antes e depois da quebra. Bastante clara nos monossílabos, essa situação é mais delicada no caso de vocábulos maiores. As palavras ‘saco’ e ‘picolé’ apresentam uma sílaba em comum (‘co’). Essa semelhança determina não só a interseção das palavras, como também a posição das bases no interior do cruzamento. Em decorrência de a sílaba ‘co’ ser átona final em ‘saco’, o CV preservará o acento de ‘picolé’, fazendo com que essa forma funcione como P2 (cabeça lexical) e seja responsável pela pauta acentual da nova formação (‘sacolé’ – “picolé em saco”). Raciocínio semelhante pode ser encaminhado à junção de ‘política’ com ‘sacanagem’, cujo cruzamento é ‘políticanagem’ (“política feita sem seriedade, com roubalheira”). A presença de uma sílaba comum (‘ca’) determina o ponto de quebra: como essa sílaba é final em ‘política’, P2, a cabeça (núcleo da formação), será ‘sacanagem’, que levará seu acento lexical para a nova palavra, como se vê em (07):



Nos casos em que as formas de *input* são totalmente dessemelhantes, não haverá descontinuidade morfológica, pois a quebra será feita com base no melhor rastreamento das palavras-matrizes (maior grau de identidade). Por exemplo, ‘português’ e ‘espanhol’ não apresentam qualquer segmento em comum, do ponto-de-vista da estruturação silábica. Nesse caso, a quebra será feita nas tônicas, sendo aproveitadas as duas sílabas iniciais de ‘português’ e a sílaba final de ‘espanhol’, resultando em ‘portunhol’ (“mistura de português com espanhol” ou “interferência do português no espanhol ou vice-versa”). A outra possibilidade, ‘espaguês’, por ser mais opaca, dificilmente levaria às palavras que serviram de *input*. O mesmo acontece com ‘cariúcho’ (“natural do estado do Rio Grande do Sul (gaúcho) que vive muito tempo na cidade do Rio de Janeiro e já se considera carioca”) e ‘showmício’ (“comício com apresentação de *shows* musicais”).

O que segue ou o que precede o ponto de quebra nem sempre é constituinte morfológico, fazendo com que o CV seja visto como fenômeno dis-

tinto da composição, cujo encadeamento preserva a integridade das bases, mesmo que um processo fonológico modifique uma delas. Apesar das similaridades morfossemânticas, apontadas tanto no trabalho de Silveira (2002) quanto no de Álvaro (2003), há uma diferença crucial entre CV e composição: nos compostos regulares<sup>2</sup>, cada um dos formativos projeta sua própria palavra prosódica (PWd), enquanto nos cruzamentos os dois formativos levam a uma só PWd, como se vê em (08):



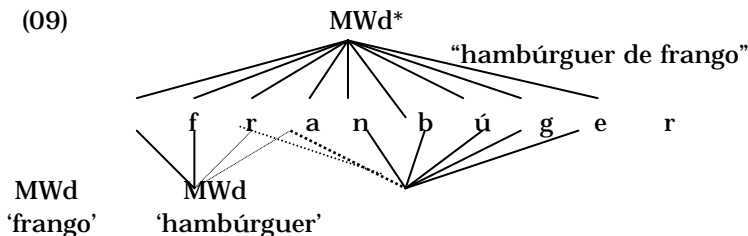
Em resumo, o CV é um processo de formação de palavras que acessa informações fonológicas, como (a) a posição do acento de P1 e P2, (b) o grau de semelhança fônica entre as bases e (c) a natureza estrutural da seqüência compartilhada pelas formas que se quer combinar. Por esses motivos, deve ser visto não como um caso de substituição sublexical, como as criações analógicas, mas como uma fusão que leva à mistura não-linear de bases, o que faz com que cruzamentos se diferenciem de compostos, cuja ligação sempre se dá por encadeamento, seja ele por justaposição ou por aglutinação.

### 3. A estrutura morfológica de *Blends* Lexicais

Assumindo que o morfema é uma unidade de significação (Spencer, 1991), podem-se identificar três elementos morfológicos em um cruzamento. A representação em (09) ilustra o fato de 'franbúrguer' não apenas rotular um diferente tipo de carne processada, mas também veicular os conteúdos 'frango' e 'hambúrguer'. Em outras palavras, os *inputs* combinam-se no cruzamento para formar uma palavra morfológica complexa. Por conseguinte, os segmentos das duas palavras morfológicas (MWds) são

<sup>2</sup> De acordo com Rio-Torto (1998) e Silveira (2002), não são produtivos os chamados compostos aglutinados, cujo produto leva a uma só palavra prosódica.

associados a uma unidade de nível mais alto (MWd\*), uma vez que contribuem para formá-la.



Apesar de as fronteiras entre palavras morfológicas nem sempre serem precisas no CV, devido à existência de sobreposições, defendemos a idéia de que esse fenômeno apresenta estrutura morfológica composicional. Os *inputs* das MWds permanecem no cruzamento de acordo com a análise MWd\* → MWd MWd (representação 02), que se aplica tanto a compostos quanto a cruzamentos. Essa proposição é vital para a defesa de que há elementos ambimorfêmicos no CV, pois nenhum segmento poderia ser ambimorfêmico se houvesse apenas um morfema. Os exemplos de (10) mostram que a estruturação de um cruzamento é composicional, o que comprova a existência de segmentos ambimorfêmicos (em negro):

(10) analfabeto + burro → analfaburro  
 'iletrado' 'idiota' 'analfabeto idiota'

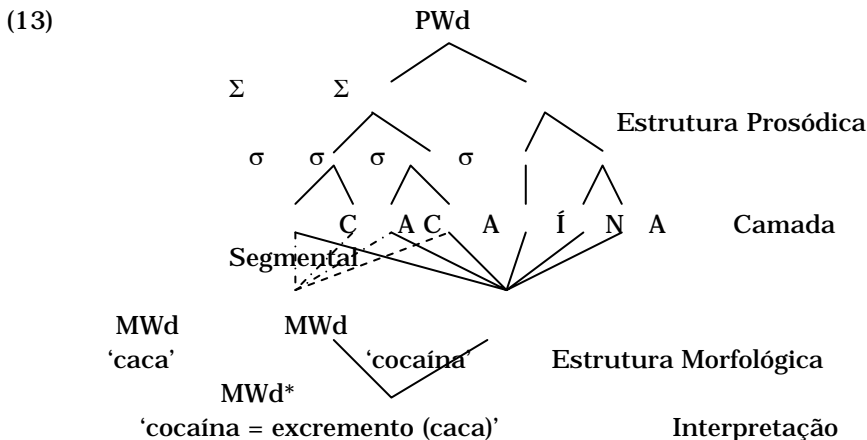
gay + garoto → **gay**roto  
 'homossexual' 'menino' 'menino com trejeitos homossexuais'

A semelhança na análise MWd\* → MWd MWd não iguala, no entanto, compostos e cruzamentos. Como destacamos mais acima, compostos projetam suas próprias palavras prosódicas (PWd) sobre um nó PWd\*, enquanto cruzamentos se realizam em uma única palavra prosódica (08), refletindo tendência a evitar recursividade no constituinte PWd.

A recursividade da palavra prosódica (PWd) é necessária na combinação de duas palavras morfológicas (MWd), uma vez que constituintes morfológicos se sujeitam ao licenciamento prosódico (Prince & Smolensky, 1993). Mais especificamente, MWds precisam ser licenciadas por PWds. Como defendemos mais acima, cruzamentos contêm apenas uma palavra



prosódica, apesar de existirem três palavras morfológicas em seu interior. Dessa forma, satisfazem a condição NO-PWd\* (Prince & Smolensky, 1993), que proíbe recursividade no domínio da palavra prosódica, mas violam a condição  $LX \approx PWd$  (McCarthy & Prince, 1995), segundo a qual lexemas (LX) equivalem a palavras fonológicas (PWd). Na representação a seguir, pode-se visualizar as estruturas prosódica e morfológica do cruzamento ‘cacaína’, mistura de ‘caca’ (excremento) com ‘cocaína’ (“cocaína de má qualidade, com mistura de produtos de origem desconhecida”):



Gonçalves (2003) analisa o fenômeno com base na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995) e mostra que vocábulos cruzados ótimos precisam encontrar uma alternativa que possibilite o licenciamento das três palavras morfológicas sem, com isso, projetar um nó PWd\*. A sobreposição das bases à esquerda ou à direita garante o melhor alinhamento e, com isso, minimiza as violações de licenciamento, como veremos a seguir.

As palavras utilizadas no CV não são sempre do mesmo tamanho (Silveira, 2002; Gonçalves, 2003). A menor forma de base pode começar exatamente no ponto em que a maior se inicia, a fim de que haja coincidência nas margens esquerdas. Como se vê em (14), as palavras combinadas compartilham muitos segmentos, o que torna tênues os limites entre elas, mas garante bom alinhamento na periferia esquerda da PWd formada.

(14) (a) a p e r t a d o  
           a p a r t a   m e n t o  
           a p e r t a m e n t o → “apartamento pequeno, muito apertado”

(b) b o i  
                   b a i l a r i n a  
       b o i l a r i n a   → “bailarina muito gorda”

(c) b r o t o  
       b r o n t o s s a u r o  
       b r o   t o s s a u r o → “jovem feita demais”

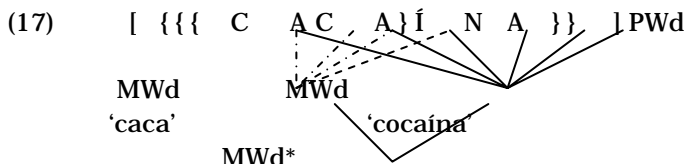
Há casos em que a menor palavra-matriz finaliza no ponto em que a maior termina (15), havendo, por conseguinte, coincidência entre a margem esquerda da sílaba final de P1 e a margem direita da última sílaba de P2.

(15) (a) p r o s t i t u t a  
                   p u t a  
       p r o s t i p u t a   → “prostituta muito vulgar”

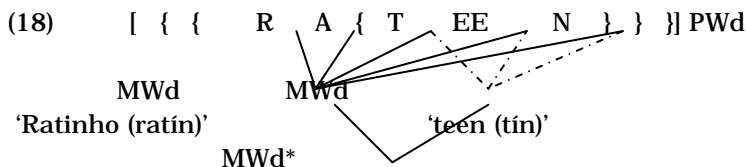
(b) R a t i n (h o) (apresentador de TV, pronunciado sem sílaba final)

                  t e e n   (t i m)  
       R a t e e n           → “Ratinho para adolescentes”  
                                   (referência ao Programa Livre, do SBT)

Como se pode perceber, os exemplos de (14) e (15) estão relacionados com o alinhamento (McCarthy & Prince, 1995): o CV tenta dar conta do maior número de margens de palavras morfológicas alinhadas com margens das palavras prosódicas. Desse modo, o licenciamento prosódico, no caso do CV, é medido margem à margem, em vez de categoria à categoria. Com três palavras morfológicas e apenas uma palavra prosódica para licenciá-las, as bases de um cruzamento são dispostas de modo a maximizar o uso das duas margens de PwD disponíveis. Voltemos ao exemplo (13), aqui repetido como (17), para ilustrar o alinhamento. Nessa representação, utilizamos [ ] para sinalizar margens de PwD e { }, para margens de MwD.



Como se vê em (17), apenas uma das seis margens de palavras morfológicas fica desalinhada. As margens esquerdas das três MWds coincidem com a margem esquerda da única palavra prosódica, uma vez que as três MWds dominam [k], o elemento mais à esquerda. Na periferia direita, duas margens da palavra morfológica coincidem com a margem direita da palavra prosódica. Apenas a margem direita da palavra morfológica {kaka} é encontrada no interior do cruzamento. A imagem em espelho dessa situação aparece em (18). Nesse caso, somente a margem esquerda da MWd {teen}, pronunciada 'tim', como a seqüência final de Ratinho ('Ratim'), está desalinhada. Todas as demais margens de MWd sempre coincidem com uma margem da PWd.



Como se vê, o alinhamento de margens é a força que desencadeia o CV no português do Brasil, tendo papel de destaque também na determinação do ponto de quebra (Laubstein, 1999). Para que possam se realizar numa PWd simples, cruzamentos exploram o alinhamento de margens, de modo a minimizar a falta de licenciamento para as três palavras morfológicas. Múltiplas relações de correspondência viabilizam a sobreposição em uma das periferias da construção cruzada, funcionando, portanto, como recurso eficaz para que as bases sejam mais facilmente rastreadas.

Por tudo que se expôs no decorrer desta seção, pode-se afirmar cruzamentos apresentam estruturação composicional, uma vez que são caracterizados pela ambimorfemia, fenômeno morfológico que garante maior fidelidade às palavras que servem de *input* à formação. A seguir, mostraremos que produtos de cruzamento vocabular, apesar de estruturalmente compo-

sicionais, não têm significado global necessariamente computado a partir do significado de seus constituintes.

#### 4. Aspectos cognitivos da conceptualização de CVs

O CV é fenômeno típico da língua oral ou do registro escrito semi-formal no português do Brasil (Silveira, 2002). Evidência disso é que cruzamentos comumente aparecem na mídia escrita, como confirmam os seguintes dados, todos extraídos de jornais de grande circulação nacional, como o *Jornal do Brasil* e o *Globo*:

- (19) Brasgentina – referência a problemas no Mercosul compartilhados por Brasil e Argentina  
sorteria – loteria viciada (lugar em que se concentra grande quantidade de apostas sorteadas)  
abaxinguepongue – jogo de pingue-pingue em que a bola é metaforicamente substituída por um abacaxi – comumente empregado, no Brasil, em referência a situações difíceis de resolver.

Como se vê, esses exemplos demonstram que cruzamentos estão a serviço da função expressiva da linguagem, como bem descreve Basílio (2003). Em trabalho intitulado *Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico*, a autora propõe que o CV envolve, ao mesmo tempo, reestruturação morfológica e mesclagem conceitual, ambas simultaneamente necessárias para a efetivação do humor, como em ‘presidengue’ (alusão ao candidato à presidência da república, José Serra, ex-ministro da saúde, responsável por um programa de erradicação da dengue no Brasil) e ‘boilarina’ (“bailarina gorda como se fosse um boi”). Para Basílio (2003), cruzamentos se baseiam numa construção morfológica bem sucedida que leva a uma dupla e simultânea quebra de expectativas, com resultados preferivelmente grotescos, na medida em que uma reestruturação morfológica força uma reestruturação conceptual. Para dar conta de dados como ‘lambaeróbica’ (“ginástica feita ao som de lambada”) e ‘caipivodka’ (“caipirinha feita com vodka”), autora sugere que alguns cruzamentos podem ser meramente descritivos. No cruzamento vocabular típico, de caráter humorístico ou pelo menos retórico, a parte inesperada predica, de modo forte e inusitado, a parte básica.

Ao contrário de Basílio (2003), consideramos que a reestruturação morfológica decorre da atuação de fatores fonológicos motivados cognitiva-

mente. Desse modo, acreditamos que tal reestruturação é consequência – e não causa – de novas conceptualizações. Para comprovar essa hipótese, recorreremos ao estudo desenvolvido por Fauconnier & Turner (2002) sobre mesclas conceituais e formais em inglês, como, por exemplo, ‘chunnel’ (“túnel submarino no Canal da Mancha”).

Embora considerem raro o fenômeno em questão, Fauconnier & Turner (2002) atentam para o fato de que CVs exemplificam um dos aspectos fundamentais da integração conceptual: seu oportunismo. Eles evidenciam que o oportunismo pode levar a uma visão errônea de que o fenômeno constitui um acidente periférico à linguagem, assim como a operação em si. Segundo Fauconnier & Turner (2002, p. 366), “é precisamente por meio da exploração oportunística de acidentes que os eventos mais centrais e estruturas podem se desenvolver”.

Nos produtos de cruzamento vocabular, o significado do todo não é necessariamente computado a partir do significado dos seus constituintes. Assim, ‘pãe’ não faz referência a um “indivíduo que é pai e mãe, simultaneamente”, nem ‘boilarina’ é um “boi que dança” ou uma “bailarina com qualidades bovinas”. Para compreender um item assim formado, é necessário resgatar as pistas estruturais fornecidas por ele e conectá-las a informações contextuais, culturais e/ou de conhecimento compartilhado.

Se temos, no fenômeno, evidência de que o significado não é composicional, verificamos também que o signo lingüístico carece de contexto para ter significado. Certos cruzamentos, como, entre outros, ‘abacaxingue-pongue’ e ‘Maconhé’ (referência a uma cidade fluminense, Macaé, considerada local de ampla utilização de maconha) são completamente opacos sem apoio contextual. Por isso, a motivação para o produto difere da arbitrariedade relativa do dezoito de Saussure (cujo significado é efetivamente a soma dos significados das partes e é independente de contexto). São variados os fatores que levam à criação de cruzamentos:

- (a) denominar uma nova entidade, como em ‘chocrilhos’ (“sucrilhos de chocolate”) e sorvetone (“panetone de sorvete”);
- (b) expressar avaliação, como em Chattoso (“livro de Mattoso Câmara Jr. considerado chato”);
- (c) construir um novo conceito, como em ‘Brasgentina’ e ‘Belíndia’ (referência ao Brasil, caracterizado pelo contraste entre recursos de 1º. (Bélgica) e 3º. mundo (Índia)); e

- (d) reenquadrar entidades, como em 'ladruf' (político paulista, de nome Maluf, considerado ladrão).

O que o fenômeno evidencia é a existência de um sujeito cognitivo que, por meio desse processo de formação de palavras, revela um ponto-de-vista, um novo recorte da realidade, que, para ser percebida, necessita de novo significante. Em *Philosophy in the Flesh*, Lakoff & Jonhson (1999) mostram que grande parte do processamento cognitivo é inconsciente e regido por uma “mão escondida” que o formata. Tal “mão escondida” diz respeito a uma série de rotinas de processamento que operam num determinado nível inacessível ao consciente e demasiado rápido para que sejam percebidas. Fazem parte dessa “mão escondida”, no nosso entendimento, os procedimentos de identidade, integração e imaginação, a que Fauconnier & Turner (2002) chamam de os três “is” da mente<sup>3</sup>. Os processos semântico-cognitivos presentes nos cruzamentos podem ser amplamente descritos por esses três “is”:

- (a) identidade: o reconhecimento da identidade, da semelhança e da oposição, que advém do que Langacker (1987) considera como uma das mais básicas propriedades cognitivas – a comparação – manifesta-se em cruzamentos como 'namorido' e 'chafé', cujas interpretações dependem de uma relação de similaridade;
- (b) integração: em todos os cruzamentos analisados, verifica-se a existência de integração conceptual via processo de mesclagem;
- (c) imaginação: considerando-se que cruzamentos são construções que evidenciam nova perspectização de uma dado referente, esse procedimento é imprescindível à conceptualização e, em consequência, à própria formação lexical.

Cruzamentos resultam em mesclas conceptuais, ou seja, o produto é fruto de um processo de conexão de domínios conceptuais que são comprimidos e descomprimidos. Lançando mão dos princípios gerais que operam nas mesclas sintáticas e discursivas analisadas por Fauconnier & Turner (2002), isto é, os processos de compressão e descompressão operados pela

---

<sup>3</sup> Em português, perde-se a ambigüidade que há em inglês: “the three eis of the mind”.

integração conceptual, examinamos, a seguir, como cruzamentos ativam significados.

A compressão e a descompressão operam por meio de uma série de relações que viabilizam e atribuem sentido a fatos relacionados na linguagem cotidiana que, apesar de não expressos, subjazem ao que está sendo dito. Assim, numa sentença como “essas crianças serão os doutores de amanhã, dependendo do tipo de formação que tiverem” (Fauconnier & Turner, 2002), são comprimidas (a) informações de tempo e espaço (entre as crianças de hoje e os adultos de amanhã), (b) mudança de estado (das crianças em médicos) e (c) relações de causa e efeito (a qualidade da formação intelectual). Essas relações são denominadas de vitais e os autores radicalizam, afirmando que é “por ela que vivemos” (p.), já que nossa percepção é fragmentária e são elas as responsáveis pela integração e, portanto, pela razão.

Em conformidade com desafios analíticos lançados na introdução, podemos, amparados na literatura sócio-cognitiva, chegar às seguintes considerações:

- (1) palavras mescladas não são formações aleatórias, mas construções gramaticais (Goldberg, 1994) regidas, em seu pólo formal, por princípios fonológicos, e, em seu pólo semântico, por relações vitais comprimidas, associadas a uma pragmática peculiar – a do recurso retórico;
- (2) CVs necessitam de contexto para serem compreendidos, uma vez que são criações típicas da língua oral;
- (3) a produção e o uso de cruzamentos são licenciados por princípios gerais que atuam em quaisquer outros fenômenos da linguagem, marcadamente em itens cujo significante é subespecificado em relação ao significado. Em função disso, o enquadre (*frame lexical*), acrescido de conhecimento de mundo, é crucial para que os significados sejam construídos.

As operações mentais mais básicas são grandemente imaginativas, ativadas por estímulos também verbais, e apoiadas por elementos contextuais, externos e internos, de ordem sócio-cultural, além de habilidades e possibilidades de processamento característicos da mente humana, como projeções (intra e inter-dominial) e mesclagem. Formações aparentemente simples, como ‘trem-bala’, por exemplo, detonam uma série de atividades cognitivas, em nível subconsciente, para o processamento do significado. No caso de compostos nominais, duas diferentes unidades nomeiam dois ele-

mentos em dois diferentes espaços, que dirigem a atenção para construir sua significação de modo integrado. Os Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987) que estruturam os espaços de 'trem' e de 'bala' fornecem informação para que sejam feitos os mapeamentos entre eles, que não são mapeamentos de contra-parte, nem de analogia. Há de se recuperar a informação comprimida e a relação que está sendo estabelecida entre os referentes do composto. A integração conceptual, nesse caso, requer a percepção de que 'bala' modifica 'trem', na medida em que é metonímia de velocidade. A nomeação do referente, portanto, é função da percepção de seu deslocamento no espaço.

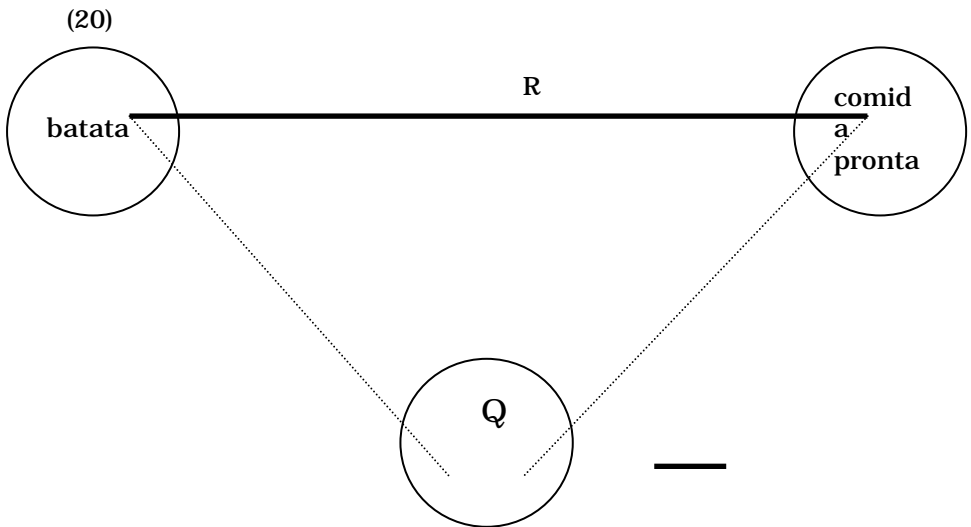
Fauconnier & Turner (2002) ressaltam a importância e a centralidade das atividades proporcionadas pela mescla e pela compressão (e decompressão) de relações vitais para que a mente humana construa significados inteligíveis. Os autores estabelecem 14 tipos de relações vitais que podem estar a serviço da compressão realizada na mesclagem e estabelecem padrões canônicos de proliferação dessas relações. Vamos tratar, aqui, somente das relações que são percebidas nas mesclas das construções cruzadas integrantes do *corpus*: (a) parte-todo, (b) mudança e (c) propriedade.

CVs apresentam diferentes graus de estabilidade no português brasileiro: 'cháfé' ("café fraco como chá") e 'batatalhau' ("vários pratos com mistura de batata e bacalhau") têm seu significado já bastante público e comum. O mesmo acontece com 'chocolícia' ("biscoito recheado de chocolate"), que nomeia um produto comercializado. 'Namorido' ("namorado que se comporta como marido") e 'lixeratura' ("literatura de baixa qualidade"), entre outras, são palavras de circulação restrita. 'Senatriz' (forma aplicada à senadora Heloísa Helena pelo senador Suplicy, em decorrência de suas atitudes exageradas no Congresso Nacional) e 'sorteria' são absolutamente voláteis, criadas ao sabor das necessidades comunicativas locais e, provavelmente, não integrarão o léxico do português brasileiro. Entretanto, são produtos das mesmas operações cognitivas que permitem a integração conceptual em fenômenos sintáticos e discursivos, amplamente estudados na literatura sócio-cognitivista. O grande desafio analítico, nesta abordagem sobre o CV, consiste em adotar procedimentos utilizados em fatos sintáticos e discursivos na descrição de fenômenos que se manifestam no nível da palavra.

A primeira relação vital que analisamos é a de parte-todo, que pode ser exemplificada com 'batatalhau'. Para o falante do português, a denominação 'batatalhau' é atribuída a receitas culinárias, cujos ingredientes são,



basicamente, batata e bacalhau. Nesses pratos, no entanto, há predomínio de batata, em vez de bacalhau. Na representação a seguir, formalizamos a rede de mapeamento, na qual os círculos unidos por R constituem os espaços externos que servirão de *input* para a mescla, representada pelo espaço interno em cujo círculo se encontra Q:



Em (20), R é a relação vital parte-todo que permite a construção da rede de mapeamento do elemento individual, a batata, para a comida pronta, no que percebemos como sua parte mais saliente: o excesso de batata. Na mescla, Q, a batata e a comida são fundidas, de modo que a batata forma a singularidade da comida. Observe-se que a conexão parte-todo, na mescla, torna os *inputs* separados em um único produto.

O mesmo ocorre com a integração conceptual de 'sorteria'. Faz parte do MCI de 'loteria' a noção de que essa envolve tanto sorte quanto azar. A eliminação de uma das possibilidades (azar) transforma a loteria num produto com predominância de apenas um dos seus componentes: a sorte. O processamento cognitivo é, pois, similar ao anterior.

A segunda relação vital presente nos cruzamentos é a de propriedade qualificativa. Há uma série de formas cruzadas cujo produto constitui denominação para o referente a partir de um atributo. Assim, 'crilouro' é

um negro que tinge os cabelos de louro; 'chevelho' é um carro que tem a propriedade de ser velho; 'bradescravo' é um funcionário do Bradesco (banco privado) a quem se predica de escravo. O *status* mais óbvio da propriedade é estar no espaço interior da mescla, em Q. Entretanto, a relação vital estabelecida entre os espaços de *input*, exteriores à mescla, em R, é a relação de causa e efeito, que é então comprimida em propriedade. Os *inputs* são, no caso de 'crlouro', 'crioulo' e 'louro', vinculados por uma relação de causa e efeito. No espaço da mescla, comprime-se o atributo no referente.

Passemos, por fim, ao exame do terceiro tipo de relação vital encontrado nos CVs: similaridade. A relação de similaridade, como a anterior, se dá no espaço interior da mescla, ligando elementos que partilham propriedades comuns. De acordo com Fauconnier & Turner (2002), seres humanos dispõem de mecanismos perceptuais para avaliar semelhanças (mecanismos extremamente complexos do ponto de vista neuro-biológico). Os espaços exteriores, que servem de *input*, estabelecem outras relações, como a analogia e a desanalogia, por exemplo, que podem ser comprimidas diretamente na mescla.

A analogia, por sua vez, tem o poder de comprimir papel-valor. Por exemplo, 'marido' pode ser análogo a 'namorado', porque ambos compartilham um MCI que lhes atribui a função de parceiro amoroso e sexual. Assim, num *input*, pode-se ter o papel de 'namorado' e, no outro, de 'marido'. Entretanto, visto sob o prisma do MCI do senso-comum de estados civis, há uma compressão da relação vital de mudança no tempo/espaço, de namorado para marido ('namorado'). A mudança, por sua vez, comprime a desanalogia.

## 5. Palavras finais

Procuramos demonstrar que a produção de cruzamentos não é arbitrária, como sugerem, entre outros, Alves (1990) e Rocha (1998). Ao analisar a estruturação interna de cruzamentos, mostramos que há inúmeras diferenças entre composição e CV, fazendo do primeiro um processo morfológico aglutinativo e do segundo, uma operação não-concatenativa. Dessa maneira, fornecemos argumentos contrários à alegação de Sandmann (1990: 49), segundo a qual *cruzamento é um tipo de composição*.

Do ponto-de-vista formal, mostramos que o CV apresenta estrutura composicional, uma vez que faz uso da ambimorfemia para otimizar o ali-

nhamento de margens. Do ponto-de-vista semântico-cognitivo, ao contrário, constatamos que o significado de CVs é não-composicional, uma vez que os produtos não são interpretados pela soma das partes componentes.

Ao utilizar as noções de compressão e descompressão (Fauconnier & Turner, 2002), pudemos observar os diferentes tipos de mescla e as diferentes relações estabelecidas entre os *inputs* de CVs, evidenciando a atuação do que Lakoff & Jonhson (1999) denominam de “mão escondida da mente”.

### Referências Bibliográficas:

- ÁLVARO, P. T. *Nas raias da recategorização léxico-semântica: um estudo sócio-cognitivo da combinação lexical em português*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2003
- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- BASÍLIO, M. *Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico*. X Congresso da ASSEL-Rio, Rio de Janeiro, 6 p. mimeo, 2003.
- BAT-EL, O. Selecting the best of the worst: the grammar of hebrew blends. *Phonology*, Philadelphia, n. 13, v. 1, p. 283-328, 1996.
- DOBROVOLSKY, M. Malay blends: CV or syllable template? *Calgary Working Papers in Linguistics*, v. 23, n. 1, p. 14-29, 2001.
- FAUCONNIER, G. Conceptual blends and analogy. In: GENTNER, D. et al. (eds.). *The analogical mind: perspectives from cognitive science*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.
- FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a constructional grammar approach*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- GONÇALVES, C. A. *Restrições de fidelidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia*. DELTA, Campinas, v. 25, n. 2, p. 70-112, 2004.
- GONÇALVES, C. A. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de formação In: MOLLICA, M. C. & RONCARATI, C. (orgs.). *Anais do III Congresso da ABRALIN*. Niterói: UFF – Centro de Estudos Gerais, 2003. v.1. p.824-831, 2003.
- KEMMER, S. Variation and the Usage-Based Model. In: BEALS, K. et al. (eds.). *Papers from the parassession on variation and linguistic theory*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1994.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. & JONHSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

- LAUBSTEIN, A. S. Word Blends as sublexical substitutions. *Canadian Journal of Linguistics*, Montreal, v. 44, n. 2, p. 127-48, 1999.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.
- PRINCE, A. & SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Rutgers University/University of Colorado: New Brunswick, 1993.
- RIO-TORTO, M. G. *Morfologia Derivacional: teoria e aplicação ao português*. Lisboa: Porto, 1998.
- ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- SÂNDALO, M. F. Morfologia. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (eds.). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.
- SILVEIRA, C. M. da. *Cruzamento Vocabular em português: acaso ou processo?* Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2002.
- SPENCER, A. *Morphological Theory*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.